



A ESCASSEZ DO HÁBITO DA LEITURA NO MEIO ESCOLAR: MOTIVAÇÕES DA ESCASSEZ E BENEFÍCIOS DA LEITURA NO DESEMPENHO ESCOLAR.

Jhonatan Klivelyn Cordeiro da Silva¹
Prof. Dr. Gladysone Stélio Brito Pereira²

RESUMO: A presente pesquisa trata-se de um estudo sobre a escassez do hábito de leitura crescente na sociedade e como isso afeta os educandos e seu desempenho escolar. A pesquisa está em fase inicial e tem como objetivo geral descrever dados levantados em pesquisas sobre diferentes temas e relacioná-los com os motivos que fazem com que o Brasil tenha cada vez menos leitores. A partir da seleção bibliográfica, foi possível identificar os benefícios do hábito da leitura e também como a forma de incentivo a tal prática pode afastar ou aproximar os estudantes para a mesma. Como base teórica, foram utilizados diversos autores, de áreas de conhecimento diversas, que tratam sobre o tema, sempre buscando aproximar-se da atualidade. Os métodos utilizados na pesquisa foram explicativo e descritivo, visto que, para alcançar o objetivo, buscou-se analisar e apresentar características em comum de determinados grupos sociais e relacioná-los com a falta e/ou perda do hábito de leitura. Em suma, a pesquisa constatou que o hábito de leitura pode ajudar os educandos no âmbito escolar a desenvolver sua interpretação e senso crítico; também foi possível identificar algumas problemáticas que podem fazer com que as pessoas se afastem da leitura por falta de tempo para praticar, tais como a carga horária de trabalho (tanto o remunerado quanto o doméstico), que também envolve questões como desigualdade de gênero e social.

Palavras-Chave: Falta de leitura; senso crítico; desempenho escolar.

¹ Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) campus I e Bolsista do PIBID, jhonatanklivelyn@gmail.com

² Doutor em História/Professor do curso de licenciatura em História da Universidade Estadual de Alagoas e coordenador voluntário do projeto interdisciplinar história/pedagogia do PIBID/UNEAL (UNEAL), campus I, gladyson.pereira@unealedu.br



INTRODUÇÃO.

A leitura no meio escolar é fundamental para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, possibilitando aos educandos ampliar sua capacidade interpretativa e seu senso crítico. Embora a escola tenha como um de seus objetivos ensinar o educando a ler e escrever, isso não os torna, necessariamente, leitores. Para que os educandos consigam adquirir o hábito de leitura, é necessário que ela seja incentivada como algo prazeroso, inclusive fora da escola. Para que isso aconteça, é necessária a colaboração entre a família e a escola na educação das crianças e adolescentes.

Porém, como ressalta Cunha (1999), o campo da leitura não envolve apenas texto e leitor, tudo aquilo que engloba o cotidiano do indivíduo, as particularidades em que esse encontro acontece, deve ser levado em consideração, ou seja, é necessário buscar compreender o contexto social e cultural em que os educandos e seus pais estão inseridos e que pode contribuir ou prejudicar o surgimento do hábito da leitura. Uma pesquisa recente do “Retratos da Leitura no Brasil” do Instituto Pró-Livro demonstrou que o Brasil perdeu cerca de 6,7 milhões de leitores. Portanto, se, como afirma Bernard Lahire (2004), o incentivo à prática de leitura, por parte dos pais, deve ser adequado para que os seus filhos gostem de ler, é preciso entender o porquê de esses pais também não lerem. Também é necessário entender em qual contexto a escola e o professor estão inseridos e quais meios estão sendo utilizados para reverter essa situação de perda acentuada de leitores em que o Brasil se encontra. Tanto a família quanto a escola precisam trabalhar juntas para a recuperação do hábito de leitura.

A falta de educandos leitores identificada nas escolas Maria de Nazaré e Divaldo Suruagy durante o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e o acesso à pesquisa do Instituto Pró-Livro sobre a queda de leitores no Brasil motivaram a produção dessa pesquisa aqui registrada, tendo como objetivo analisar dados que possam contribuir para compreender melhor essa queda de leitores no país.

Para elaborar essa pesquisa, o primeiro passo foi a seleção bibliográfica, que teve como foco autores diversos com foco na importância do hábito da leitura para o desempenho escolar e sobre a importância do incentivo para que os educandos possam desenvolver esse hábito.



Em seguida, foram analisados dados referentes à queda de leitores no Brasil que ajudaram a estabelecer uma relação entre a queda do número de leitores com problemas sociais do país, ressaltando a importância de compreender a realidade das famílias para poder compreender o porquê de os educandos demonstrarem menos interesse na leitura dentro da escola.

METODOLOGIA.

Esse trabalho teve como foco analisar a importância do hábito de leitura para o processo de ensino-aprendizagem e por que esse hábito é tão incomum entre os educandos, a partir das vivências proporcionadas pelo PIBID, inicialmente na escola Maria de Nazaré e posteriormente na escola Divaldo Suruagy, ambas em Arapiraca - AL. Buscou-se selecionar uma bibliografia adequada, contando com diversos autores que abordam o tema e propõem soluções práticas para tentar resolvê-los. Posteriormente, foram analisados dados referentes a problemas sociais, como desigualdade social, econômica e de gênero, obtidos dentro dessa bibliografia selecionada, procurando relacioná-las à falta de leitura, tanto por parte dos educandos (adolescentes) quanto dos responsáveis (adultos). A partir disso, focamos em debater a importância da colaboração da família e da escola para desenvolver o hábito de leitura nos educandos, elemento essencial para o seu melhor desenvolvimento.

A temática sobre a importância e as dificuldades da relação entre a família e a escola para a educação nos anos finais do Ensino Fundamental já foi debatida anteriormente no I Congresso Norte-Nordeste PIBID/PRP (CONENORT), trazendo também temas como a desigualdade social, econômica e de gênero. Nessa ocasião, se iniciou a discussão da temática específica da leitura dos educandos e como, juntos, responsáveis e profissionais da educação, podem trabalhar para desenvolver o hábito da escrita e da leitura no educando, tanto no âmbito escolar quanto fora da escola. Como continuação daquele debate ocorrido em 2024 na I edição do CONENORT, busca-se analisar aqui o porquê de o prazer da leitura ter-se perdido cada vez mais no país, visto que, para que seja possível desenvolver tal hábito, é fundamental que existam circunstâncias adequadas.

REFERENCIAL TEÓRICO.



A escassez do hábito de leitura já vem sendo debatida há algum tempo, visto que é um problema que já foi identificado há algumas décadas. O hábito de leitura é fundamental para o desempenho escolar do educando, mas, para que isso possa acontecer, é necessário que haja um incentivo adequado, como ressalta Bernard Lahire (2004). Sem esse incentivo, ou mesmo com um incentivo inadequado, o educando dificilmente conseguirá desenvolver o hábito de leitura e poderá, até mesmo, ter aversão a essa prática. A escola tem que ter papel principal para o letramento dos educandos e deve buscar colaborar junto da família para que isso aconteça. Souza (2009) vai afirmar que essa relação entre as duas instituições tem que partir da escola, iniciando medidas para que os pais possam participar ativamente da vida escolar dos filhos. Contudo, essa relação não é simples e, consequentemente, conseguir criar leitores também não vai ser. Durante as primeiras investigações para a realização dessa pesquisa, foram identificadas duas dificuldades (mas não são as únicas) que impedem tanto que as famílias consigam participar ativamente da vida escolar do filho quanto para que eles consigam incentivá-los a praticar o hábito de leitura. O primeiro se refere aquilo que dificulta a família estar de forma frequente e ativa na escola, que é a rotina corrida das famílias, como descreve Cordeiro (2024), que devido ao acúmulo de tarefas tanto na vida profissional quanto nos afazeres da casa, restringe o tempo disponível dos responsáveis para se aproximar da escola, pois precisam dedicar muito tempo para conseguir sustentar suas famílias e manter a vida familiar em ordem. O segundo é, como descreve Cunha (1999), o fato de que a leitura envolve mais do que apenas o texto e o leitor, mas também inclui as condições em que esse encontro aconteça.

RESULTADOS E DISCUSSÃO.

Cunha (1999) defende que, em muitos casos, a escola é uma das últimas oportunidades que os educandos têm de ter contato com a leitura, principalmente com a literatura. A escola pode desenvolver projetos de incentivos à leitura dos educandos, não como uma ferramenta de estudo, mas como algo prazeroso, o que, consequentemente, resultaria em desempenhos positivos na escola. Essa melhora no rendimento está relacionada ao que Cunha (1999) vai abordar, ao recorrer a Eisner, como sendo os dois tipos de objetivos de aprendizagem: o instrucional e o expressivo. A literatura tem foco nesse segundo, que



(...) propõe a análise, a avaliação e até a transformação (conforme a análise e a avaliação feitas) do que é, daquilo sobre o que alguém se instrui. Trata-se, aqui, do que cada um pensa, como avalia a realidade. Nessa área, mais importante é a divergência: a partir de seus conhecimentos, mas também dependendo de sua história, do seu lugar, de onde olha a realidade, cada um analisa e avalia diferentemente do outro o dado da realidade. Nesse caso, interessa menos o produto do que o processo. As respostas terão características diferentes, porque os processos percorridos terão sido diferentes (Cunha, 1999, P.94).

Ou seja, a leitura ajuda os educandos a interpretar e desenvolver seu pensamento crítico, não exclui o contexto em que o educando está inserido, pelo contrário, esse contexto é fundamental para alcançar o objetivo de aprendizagem.

Mas, para que isso possa acontecer, o gosto pela leitura precisa ser incentivado; nem os responsáveis nem os professores podem achar que do dia para a noite a criança e o adolescente gostem de ler ou se interessem por isso sem incentivo. Como afirma Lahire (2004), esse incentivo tem que ser adequado, caso contrário, o educando pode desenvolver aversão pela leitura.

Lembremos, ainda, que para a área expressiva (salvo os casos regidos pelo ‘imponderável’) o que sabemos é que as pessoas se aproximam das experiências que culminaram em prazer e se afastam daquelas marcadas pelo desprazer. Com certeza, nós todos temos depoimentos que confirmam isso. Se não conseguirmos sensibilizar nossos educandos hoje, o gosto pela leitura poderá aparecer ali adiante, se o desprazer não tiver desfeito toda chance de ele florescer um dia (Cunha, 1999, P.96).

Portanto, é necessário que a escola (que nesse caso se refere a todos que fazem parte do ambiente escolar, como professores, diretor, coordenador, etc.) busque medidas para que esse incentivo aconteça de forma adequada. Esse incentivo não pode se limitar ao “conselho” de dizer para os educandos “leiam porque é bom”, mas de realmente disponibilizar os meios para que eles possam pôr em prática a leitura. Esses meios vão desde o estoque na biblioteca, que deve ter livros adequados para a faixa etária dos educandos; trabalhos escolares que distribuam livros para os educandos descreverem para a turma sobre o exemplar, trabalho esse que pode ser o passo inicial para um clube de leitura, no qual os pais podem ser convidados a participar, etc. O importante, primeiramente, é a escola buscar compreender qual seu público, qual o contato que os educandos já tiveram com a literatura? Ou, se não tiveram, por que não tiveram? Os pais leem em casa? Se não, por quê?

Tudo isso tem que ser levado em consideração caso a escola realmente esteja em busca



de letrar seus educandos e não apenas preocupados com a nota. A escola deve assumir esse papel de iniciativa no que se refere ao letramento dos educandos, visto que, além de ser a instituição responsável pela educação na sociedade, é também capaz de identificar as dificuldades dos educandos e de propor meios para resolvê-los. Obviamente, a escola não deve caminhar sozinha, a família também deve ter participação na formação de seus filhos.

A família é fundamental para o desenvolvimento da criança e do adolescente, visto que ela irá se inspirar nos valores que a família quer passar para eles. Bernard Lahire (2004) afirma que a criança não reproduz, diretamente, as atitudes da família, mas sua forma de se comportar é formada a partir dessas relações. Os traços de comportamento e sua personalidade não são frutos do acaso “(...) são, sim, o produto de uma socialização passada, e também da forma das relações sociais através das quais estes traços se atualizam, são mobilizados.” (Lahire, 2004, p.18).

A partir disso, Lahire (2004) vai afirmar que o resultado escolar e seu comportamento só podem ser compreendidos a partir da compreensão daquilo que vai possibilitar à criança construir sua personalidade, ou seja, o seu meio familiar, e o hábito de leitura também vai surgir dessa relação, a partir do momento em que a criança começa a ter contato com a escrita e com a leitura.

Contudo, apesar de Bernard Lahire trazer assuntos interessantes de como esse contato com a escrita pode contribuir para desenvolver o hábito de leitura, devemos lembrar que a sua pesquisa é fruto de seu tempo e de sua localidade, visto que ele é um autor francês da década de 1990, e devemos nos atentar para as diferenças que existem tanto devido às mudanças tecnológicas que ocorreram ao longo dessas décadas, que influenciam na forma em que as pessoas passaram a organizar o seu tempo. Ele usa como exemplo as famílias que usam bilhetes para trocar informações e lembretes, onde esse seria uma forma de contato da criança com a escrita. Contudo, na atualidade, esse tipo de mensagem está sendo substituído pela escrita digital, onde o celular pode fazer o papel que antes era de outros itens, como calendário e agenda, por exemplo. Até mesmo a troca de lembretes pode ser substituída por mensagens de áudio, facilitando e agilizando a conversa, visto que escrever, mesmo que no celular, leva mais tempo, e considerando a vida corrida que muitos pais têm, o que antes eram “poucos minutos de escrita” pode ser considerado como “poupar minutos preciosos”.

Portanto, é importante considerar essas mudanças ao analisar em que contexto a nova

geração está tendo contato com a escrita e com a leitura, principalmente se a escola é ou não o único espaço onde o educando exercita a escrita.

Em relação ao incentivo à leitura, como dito anteriormente, ele necessita ser adequado, pois, se não, pode causar o oposto do esperado, onde a criança não gosta de ler. “A questão não se limita portanto à presença ou ausência de atos de leitura em casa: quando existe a experiência, é preciso sempre se perguntar se é vivida positiva ou negativamente, e se as modalidades são compatíveis com as modalidades da socialização escolar do texto escrito.” (Lahire, 2004, P. 22).

Portanto, podemos observar que é essencial o incentivo da família e que uma das formas de incentivo é que os pais tenham o hábito de leitura e busquem compartilhar com os filhos. Portanto, tanto a escola quanto a família podem realizar esse estímulo, tendo isso como um objetivo em comum. Como ressalta Souza (2009), a escola precisa assumir o papel de tentar conciliar a família com a educação, fazendo com que os responsáveis também façam parte do meio escolar de forma presente e participativa. Embora essa relação traga diversos benefícios ao processo de ensino-aprendizagem dos educandos, é necessário lembrar, como ressalta Cordeiro (2024), que essa interação não é algo simples de acontecer, visto as muitas dificuldades para que os pais consigam estar presentes na escola, como a rotina de trabalho e as adversidades das mães solas de serem presentes na escola.

Para poder buscar colaboração entre a escola e a família para desenvolver nos educandos o gosto pela leitura, é necessário levantar questionamentos sobre como o incentivo está acontecendo e, primeiramente, se esse incentivo ocorre. Levando em consideração as ponderações de Lahire (2004), devemos nos perguntar, levando em consideração a atual situação do Brasil, quantos pais têm o hábito de leitura? Quantos tratam a leitura como algo prazeroso? Quantos leem em casa? Se antes eram leitores, por que deixaram de ser?

Como dito anteriormente, a pesquisa da 6ª edição de “Retratos da Leitura no Brasil” apontou que, pela primeira vez na história, a maioria dos brasileiros não lê. Para definir “leitor” e “não-leitor”, a pesquisa foi um recorte de 3 meses, onde aqueles que declarassem ter lido pelo menos um livro, podendo ser inteiro ou em partes, seriam considerados um leitores, enquanto aqueles que declarassem não ter lido nos últimos 3 meses não seriam considerados leitores. A partir dessa pesquisa, foi apontado que o Brasil tem cerca de 93,4 milhões de leitores, 6,3 milhões a menos do que a última pesquisa feita em 2019. Isso representa 47% das



pessoas no país. Outros dados interessantes que podemos citar nessa pesquisa são as porcentagem por gênero, onde a nível nacional a pesquisa estima que tenham 50,4 milhões de mulheres leitoras (queda de 4,2 milhões) e 42,9 milhões de homens que leem (queda de 3 milhões). Em relação à faixa etária, é interessante destacar que dos entrevistados entre 11-13 anos, 81% foram considerados leitores (o que a pesquisa estimou ser 7,6 milhões), mantendo a mesma porcentagem da pesquisa anterior. Contudo, quando os entrevistados com idade entre 14-17 foi de 62% (10,1 milhões, especulativamente), uma que de 19%, essa porcentagem continua caindo com o aumento da idade. É interessante destacar também a porcentagem baixa dos adultos, onde entre os 30-39 anos caiu para 45% e de 40-49 para 41%.

Os entrevistados foram perguntados sobre quais atividades eles mais gostavam de fazer no tempo livre, selecionamos alguns que acreditamos serem relevantes para essa comunicação: 78% responderam que usa a internet e 49% usam redes sociais (Facebook, twitter ou instagram) enquanto 20% falou que le livros, seja digital ou impresso. Em relação ao que local que mais lê, 85% responderam que é em casa, enquanto a sala de aula representa apenas 19% (na pesquisa de 2019 era de 23%).

É importante ressaltar que esse dado sobre a sala de aula é referente a todos os pesquisados, quando analisamos apenas aqueles com idade escolar dos 5 aos 17 anos, temos os seguintes dados: 5-10 anos 63%; 11-13 anos 55%; 14-17 anos 47%. Quando comparamos a mesma idade com a leitura em casa, os resultados melhoram: 69%, 68% e 71% (seguindo a mesma ordem da faixa etária acima). Contudo, é importante se perguntar o que estão lendo. Segundo a CNN Brasil em uma publicação de 2024, que divulgou uma pesquisa do exame internacional Pisa, onde afirmava que, em 2018, 66,3% dos educandos brasileiros que tinham entre 15 e 16 anos não liam livros que passassem de 10 páginas. Apenas 9,5% dos educandos com essa mesma idade leram algum material com mais de 100 páginas em 2018. Portanto, acreditamos que o primeiro passo da escola para poder buscar medidas para incentivar os educandos a lerem é levantar dados de quais educandos leem ou não e, principalmente, o que leem. Pois isso permite tanto tentar encontrar gêneros e temas literários que se aproximem dos gostos que os educandos já possuem, o que ajuda a incentivar o diálogo daqueles que são leitores e daqueles que ainda não são, servindo também como inspiração. Os professores também são fundamentais para que os educandos consigam desenvolver o hábito da leitura, como aponta a pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, 46% dos entrevistados falaram que o



interesse pela literatura começou por causa de indicações da escola ou de professores, sendo o segundo no ranking, perdendo apenas para filmes baseados em livros ou histórias de autores, com 47%.

Os pais também devem ser inspiração para os filhos nesse quesito, e uma maneira de fazer isso é os pais também lerem e permitirem que os filhos tenham contato com a leitura ainda pequenos, como por exemplo, lendo para eles. Referente aos dados da pesquisa do Instituto Pró-Livro, sobre a porcentagem que afirmava que o pai (ou responsável do sexo masculino) ou mãe (ou responsável do sexo feminino): o primeiro representa uma influência de 18%, enquanto o segundo é de 29%.

Mas não adianta querer cobrar “bom exemplo” ou “incentivo” dos pais sem compreender porque esses pais também não leem. Como ressalta Cordeiro (2024), a participação da família na escola é dificultada devido à rotina familiar, que sofre influência de diversos fatores, onde ele busca abordar dois fatores sociais: a carga horária de trabalho e o aumento de mães solos. Pretendemos relacioná-los com a falta (ou perda) do hábito de leitura dos pais dos educandos.

O primeiro fator que ele aborda em sua pesquisa é o trabalho, onde além do trabalho remunerado, que ocupa cerca de 8 horas (além dos que precisam trabalhar mais horas) por dia, sem contar o transporte para ir e voltar do trabalho. Os afazeres domésticos também se encaixam nesse fator, pois ocupam várias horas do dia, sendo feitos tanto nos dias de folga quanto após o expediente de trabalho. A divisão sexual do trabalho doméstico também influencia nesse quesito, visto que as mulheres dedicam mais horas do que os homens nas tarefas domésticas, como afirma uma pesquisa do IBGE que esse autor cita em sua pesquisa, que afirma uma diferença de 9,6 horas a mais (Cordeiro, 2024). Esse problema apenas cresce quando Cordeiro aborda sobre as mães solas, que são cerca de 11,3 milhões de mães, segundo dados de 2022.

Como podemos ver, exigir a participação da família para incentivar a leitura sem considerar o contexto social no qual essa família se encontra, provavelmente, não trará resultados positivos. É importante que a escola queira buscar essa relação para ajudar a resolver o problema crescente da falta de leitura dos educandos, mas é preciso que a escola saiba quem é seu público, qual a disponibilidade que eles têm de participar de projetos de leitura.





Os dados abordados por Cordeiro (2024) nos fazem compreender que a falta de leitura dos pais não é exclusivamente por uma falta de interesse ou desgosto, mas muitas vezes por falta de tempo de se dedicar a essa prática, pois precisam trabalhar em casa e fora para poder sustentar suas famílias. Devemos lembrar que ler não é apenas pegar um papel, mas envolve todo um processo para compreender aquele livro, o que, para muitos, depois de um dia inteiro de trabalho, pode acabar sendo uma tarefa cansativa e, por conta disso, deixada de lado, mesmo que durante toda sua adolescência tivesse sido um bibliófilo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

É incontestável a importância da leitura e da escrita no processo de ensino-aprendizagem, e isso pode ser observado na experiência do PIBID em ambas as escolas citadas nesta comunicação oral. A participação da família na educação escolar é de fundamental importância, visto que isso facilita a superação de dificuldades dos educandos identificadas pelos professores durante o ano letivo, sendo essencial que a escola busque iniciar essa aproximação. É a partir do incentivo à leitura que podemos, enquanto educadores e responsáveis, melhorar o desempenho escolar dos educandos, garantindo sua formação, tanto educacional quanto enquanto cidadão.

Podemos concluir que isso não é uma tarefa fácil nem rápida, visto as constantes mudanças que ocorrem na sociedade, às quais é necessário se adaptar. O incentivo à leitura na atual década não pode ser feito da mesma maneira que no início do século, muito menos da mesma maneira que acontecia no século XX, sendo, portanto, necessário identificar aquilo que afasta os jovens e os adultos da leitura e da escrita, tanto a nível nacional quanto na localidade em que a escola está inserida, visto que todo lugar tem suas particularidades.

A questão abordada aqui sobre a leitura não é, obviamente, o único problema que afeta a educação básica, contudo, é a partir da busca por resolver essas adversidades que poderemos caminhar na direção de um ensino de qualidade e da real formação dos educandos.



REFERÊNCIAS

- 6ª edição retratos da leitura no Brasil.** Instituto Pró-Livro, 2024. Disponível em: https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2024/11/Apresentac%CC%A7a%CC%83o_Retratos_da_Leitura_2024_13-11_SITE.pdf. Acesso em: 18/10/2025.
- Cunha, M. A. A. (1999). **As melhores possibilidades da leitura na escola.** *Perspectiva*, 17(31), 91–102. <https://doi.org/10.5007/%x>
- Figueiredo, Carolina. **66% dos alunos brasileiros não leem textos com mais de dez páginas, diz estudo.** CNN Brasil, 2023. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/66-dos-alunos-brasileiros-nao-leem-textos-com-mais-de-dez-paginas-diz-estudo/#goog_rewareded. Acesso em: 18/10/2025
- Lahire, B. **Sucesso escolar nos meios populares: As razões do improvável.** São Paulo: Ática, 2004.
- Souza, Maria; Noda, Marisa. **Família/escola: a importância dessa relação no desempenho escolar.** 2009. P.1-25. Trabalho para aprovação no programa de desenvolvimento educacional do Paraná , 2009.
- SILVA, Jhonatan Klivelyn Cordeiro Da et al.. **Família e escola: as dificuldades dessa relação fundamental..** Anais do I Congresso Norte-Nordeste PIBID/PRP... Campina Grande: Realize Editora, 2024. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/107155>>. Acesso em: 18/10/2025 20:52